

## **Resenha**

CARDOSO, Antônio Dimas (org). *Desigualdade e reconhecimento: atualidade da teoria de Axel Honneth*. Montes Claros, Editora Unimontes, 2018.

## **Repensando a teoria crítica e sua atualidade: Honneth e seu legado teórico**

Ícaro Yure Freire de Andrade<sup>1</sup>

Recebido em: 30/09/2019

Aprovado em: 11/05/2019

Axel Honneth despontou como uma das grandes referências da teoria social crítica contemporânea e como um herdeiro direto dos problemas levantados pelos teóricos da primeira geração que vieram a ser conhecidos como pertencentes a Escola de Frankfurt. Suas análises têm influência em várias áreas de produção do conhecimento: da educação, ao serviço social, passando pelo direito e indo para a psicologia e psicanálise. Mas como herdeiro de uma grande tradição intelectual, será necessário que tracemos uma pequena biografia teórica da tradição em que está inserida para posteriormente chegarmos ao que é apresentado como contribuições a teoria social presente neste livro em que vários autores pertencentes a áreas diversas analisam seus conceitos, usos e limites.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (PPGS/UFPB), Brasil, integrante do GRESP (Grupo de Estudos em Sociologia Política) atuando na linha Emancipação, utopias e novas virtudes. E-mail: [icaroyuresocio@gmail.com](mailto:icaroyuresocio@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2311-656X>.

Como demonstrado por Max Horkheimer em seu artigo clássico intitulado “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” (1937), a teoria crítica da sociedade demonstra-se totalmente avessa ao positivismo da teoria tradicional, isto é, a teoria crítica da sociedade teria como pretensão não apenas uma análise no nível conceitual acerca dos elementos organizativos da realidade social, mas também teria como objetivo pensar-se enquanto potencial de mudança nessa própria realidade tendo como elemento norteador de suas análises a emancipação humana.

Diferentemente da teoria tradicional, nestes termos, a teoria crítica seria sempre ciente de seu contexto social de origem, assim como também do seu contexto de atuação política (HONNETH, 1996). E o ponto mais importante: não é uma teoria que se apresenta enquanto acabada.

Dos primeiros teóricos pertencentes a esta vertente para os contemporâneos existe uma história de debates, críticas e atualizações. Mas mantendo-se sempre em mente os elementos fundacionais desse tipo de percepção teórica: análise das estruturas de produção e reprodução da dominação e a centralidade que o horizonte normativo tem na condução dessa dominação e, posteriormente, na construção de possibilidades emancipatórias – isso está mais presente nos escritos recentes de Axel Honneth.

Theodor Adorno e Max Horkheimer ficaram conhecidos como os primeiros teóricos pertencentes à teoria crítica e também por serem os responsáveis pela confecção de uma das obras mais importantes de teoria social do final do século XIX: *A dialética do esclarecimento* (1987). A obra traz como diagnóstico a integração total da sociedade a uma lógica sistêmica que tem como objetivo a internalização da dominação e sua reprodução através da ação dos indivíduos submetida a razão instrumental. Para estes autores era uma tendência do capitalismo no pós-guerra expandir seus imperativos não apenas para o mercado propriamente entendido enquanto tal, mas também para outras dimensões de socialização tais como a cultura – por isso, o conceito de Indústria Cultural é muito importante na compreensão geral do diagnóstico proposto em suas análises.

É a partir das respostas não acessíveis e das limitações analíticas e metodológicas presentes em *A dialética do Esclarecimento* que Jürgen Habermas dá continuidade as discussões levantadas pelos seus antecessores. Habermas ao criticar o fechamento das

possibilidades de emancipação apresentados por Adorno e Horkheimer, acusa-os de negligenciarem uma dimensão importante na compreensão da Modernidade que se refere ao papel exercido pelos indivíduos na construção de formas de socialização que não obedecem totalmente a razão instrumental e tem na ação comunicativa a possibilidade de existência.

Jürgen Habermas construirá sua teoria da ação comunicativa a partir de um interpretação de suas análises sobre Friedrich Hegel, que é tido para o autor como o primeiro a

(...) apontar para a interação de universal e singular na constituição da subjetividade, e a argumentar que a subjetividade é fundamentalmente intersubjetividade, ou seja, fundamentada em reconhecimento mútuo. A inovação de Hegel mostrar que a constituição do “eu” não é uma questão da autorreflexão do “eu” solitário, mas envolve antes o acordo comunicativo de sujeitos opostos. (SINNERBRINK, 2017, p. 160)

A intersubjetividade aparece enquanto elemento constituinte da experiência da modernidade e também elemento essencial para a compreensão de uma crítica da mesma que pense possibilidades de escapar à sua lógica de dominação. Axel Honneth (2003) partirá dessa noção de que a subjetividade é resultado de um processo que é construído intersubjetivamente e diferentemente de Jürgen Habermas, apontará para a importância do conflito na construção dessa comunicação entre os indivíduos, dando ênfase dessa forma ao elemento do confronto no pensamento hegeliano. Neste sentido as formas de desrespeito e indignação moral (NOBRE, 2003) serão importantes para compreender os conflitos e disputas que são sociais, políticas mas também morais que se apresentam nos contextos da social democracia contemporânea.

Para Honneth existe uma “gramática moral” que media essas disputas, ou seja, a dimensão normativa ganha centralidade não apenas enquanto construção de uma moralidade que inclua um conjunto de sujeitos mas também que esteja interligado com a auto-estima dos sujeitos de forma individualmente e sempre em relação com a coletividade (HONNETH, 2003).

É dentro desse contexto de disputas, rupturas e continuidades teóricas que podemos situar o livro organizado por Antônio Dimas Cardoso. Apesar da centralidade das discussões girarem em torno da produção teórica de Axel Honneth, os autores que

compõem *Desigualdade e Reconhecimento: atualidade da teoria crítica de Axel Honneth* sempre se referenciam a discussões e disputas teóricas pregressas, como propõem discussões posteriores tentando estabelecer relações com outros autores que não necessariamente pertencem à tradição da teoria crítica alemã, mas podem ser reconhecidos como autores de teorias críticas.

O livro é composto de onze capítulos que foram escritos por doze pesquisadores diferentes. Por mais que o título da obra se refira a teoria do reconhecimento de Honneth os autores também analisam obras mais recentes escritas pelo teórico, tais como sua atualização do socialismo enquanto uma ideia adaptável aos contextos sociais atuais.

O primeiro capítulo intitulado *Exposição crítica da teoria do reconhecimento de Axel Honneth*, escrito por Marco Vanzulli traz como plano de fundo um esboço conceitual da teoria do reconhecimento presente na obra do sociólogo alemão e uma discussão entre os limites interpretativos de Axel Honneth sobre a teoria de Marx. Para Vanzulli apesar da importância de suas contribuições, a teoria do reconhecimento apresentada por Honneth é uma “aporética tentativa de conciliação entre marxismo e a teoria habermasiana da ação comunicativa”. (p. 29)

O segundo capítulo, *Teoria crítica e psicanálise: um processo de aprendizado de Adorno, através de Habermas, até Honneth*, escrito por Eleonora Piromalli discutirá as dimensões psicanalíticas presentes na obra de Theodor Adorno, Habermas e Honneth e seus limites emancipatórios. A autora destaca o “beco sem saída” emancipatório proposto por Adorno ao enunciar sua crítica a Modernidade e como o mesmo ainda está refletido nas obras de Habermas e Honneth em termos diferentes.

O terceiro e quarto capítulos, *A teoria do reconhecimento de Axel Honneth: uma análise de sua proposta de atualização do socialismo* e *O Socialismo de Axel Honneth: da ideia à política*, escritos respectivamente por Patrícia Mattos e Gonçalo Marcelo, centram-se na discussão da tentativa de atualização da ideia de socialismo proposta por Axel Honneth.

Patrícia Mattos traz críticas contundentes a perspectiva *honnethiana* de autorrealização, liberdade e socialismo. Para a autora, Axel Honneth erra ao propor uma reconstrução do socialismo enfatizando as conquistas institucionais, subestimando assim os mecanismos de poder social.

Gonçalo Marcelo, por sua vez, aponta para as mudanças teóricas e de análise presentes na teoria do reconhecimento de Axel Honneth que sai do plano dos movimentos sociais e suas disputas e centra-se no desenvolvimento do que o autor chama de “instituições de reconhecimento”, isto é, as instituições seriam reflexo direto das demandas normativas que emergem das disputas no campo social, político e moral tornado-as centrais na sua ideia de socialismo.

É interessante notar que tanto Patrícia Mattos, como Gonçalo Marcelo percebem a influência direta da interpretação *hegeliana* da intersubjetividade advinda da teoria *habermasiana* onde as instituições seriam diretamente refletidas como essas demandas normativas e o Estado deixando de ser um problema para se pensar a emancipação, passando dessa forma a compreender parte crucial da execução dessa ideia.

O quinto capítulo, *Desenvolvimento social na teoria crítica de Honneth*, escrito por Antônio Dimas Cardoso traz uma discussão à respeito da ideia de desenvolvimento social dentro da teoria do reconhecimento *honnethiana* – como o título sugere. Nesse sentido, é impossível compreender o reconhecimento sem concebê-lo enquanto uma forma de pensar que tem como objetivo equiparar as relações sociais e sempre renovar-se através dos conflitos e disputas que compõem as dinâmicas sociais, visando desta forma a diminuição dos processos de alienação e auto-alienação.

O sexto capítulo, *A teoria da justiça de Rawls e o socialismo atualizado de Honneth: crítica e contraponto ao neoliberalismo* escrito por Richardson Xavier Brant, discute as possíveis contribuições de Rawls e Honneth para se pensar novas políticas de Estado de bem-estar social.

O sétimo e o oitavo capítulos, *Justiça restaurativa e reconhecimento* e *O dilema jurídico na busca por reconhecimento*, escritos respectivamente por Elton Dias Xavier, Anne Marielle Castro Carvalho e Leandro Luciano da Silva, centram-se nas contribuições da teoria do reconhecimento de *honnethiana* para a teoria jurídica.

Elton Xavier e Anne Marielle Castro Carvalho partem da hipótese de que

(...) frente ao sistema tão segregador dos indivíduos marginalizados da sociedade, a justiça restaurativa apresenta-se como uma alternativa privilegiadora da inclusão social, da cooperação e do reconhecimento

recíproco, por viabilizar práticas dialógicas que geram soluções mais compatíveis com a realidade dos atores afetados. (p. 197)

Já Leandro Luciano Silva apresentará as contribuições da teoria do reconhecimento de Axel Honneth para pensar o reconhecimento jurídico que se estabelece primeiro de forma individual para depois estabelecer-se de forma coletiva, tendo pelo caminho uma série de problemas referentes as disputas inerentes a gramática moral das sociedades contemporâneas.

O nono capítulo, *Tudo que é líquido escorrega entre os dedos: as inconsistências das lutas de classes no processo de autoconsciência*, escrito por Custódio Jovêncio Barbosa filho, tem como objetivo discutir o processo de formação da autoconsciência da classe trabalhadora, relacionando-a com o sistema econômico vigente e as possibilidades emancipatórias que daí decorrem. O autor propõe uma discussão entre Lukács e Axel Honneth.

O décimo capítulo, *Lévinas: a ética como filosofia primeira e a assimetria fundamental na relação face a face*, escrito por Mona Lisa Campanha Duarte Calares, propõe um diálogo crítico entre a teoria do reconhecimento de Axel Honneth e a teoria da responsabilização moral de Emmanuel Lévinas. Mais do que pensar a relação entre o “eu” e o “outro”, torna-se necessário inserir nessa problemática moral a presença de um terceiro que quando percebido traz o elemento da responsabilidade para dentro da necessidade do reconhecimento.

O décimo primeiro e último capítulo, *Política de assistência social e reconhecimento social: uma análise crítica*, escrito por Jaciany Soares Serafim aponta para a importância da teoria do reconhecimento para se pensar uma assistência social que fuja de uma ideia meramente assistencialista e funcionalista e centre-se na reflexão crítica de suas ações e no fazer assistência social pensado na estima social e nas possibilidades de emancipação.

*Desigualdade e reconhecimento: atualidade da teoria crítica de Axel Honneth* mostra-se enquanto uma obra importante para se pensar os rumos, possibilidades e limitações dos usos da teoria crítica nas análises sociais mais diversas. É uma obra que tem como norte a discussão crítica, e também demonstra as diversas formas como a teoria de Axel Honneth foi recepcionado no Brasil.

São ensaios e artigos de pesquisadores de diversas áreas – tais como filosofia, ciência política, ciências jurídicas, serviço social, educação – que se propõem a analisar de forma pontual a crítica as contribuições e as (im)possibilidades de compreensão e análise através da luz da teoria crítica contemporânea. Demonstrando, assim, a atualidade e importância dessa teoria para contemporaneidade.

### Referências

ADORNO, Theodor.; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

SINNERBRINK, Robert. **Hegelianismo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

HONNETH, Axel. Teoria crítica. In: GIDDENS, Anthony.; TURNER, Jonathan. (ORG) Teoria Social hoje. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.